

CADEIRA N.º 11

Patrono: Barão de Studart

Vaga: Falecimento de Joaquim Alves

Recipiendo: Raimundo Girão

Recipiendário: José Valdivino de Carvalho

Data da posse: 15 de agosto de 1953

JOSÉ VALDIVINO DE CARVALHO. Nasceu em 25 de fevereiro de 1911 na vila de Água Verde, Município de Pacatuba. Filho de Pedro Lopes de Sá e Antônia Valdevino de Sá. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1938. Professor em vários estabelecimentos de ensino particulares, e na Escola Normal Pedro II, hoje Colégio Estadual Justiniano de Serpa. Jornalista, cronista, poeta. Publicou: *Coração* (1938); *O Perigo da Co-Educação* (1939); *Ma Grammaire Française* (1940); *A Flor da Jurema* (1942); *A Poética do Padre Antônio Tomás* (1943); *Pontos de Português* (1943).

Raimundo Girão

Hoje é o dia da Assunção. Aquele do trabalho dos anjos, em cânticos magníficos, tomando para os Céus a Santa Mãe. *Assumere*, separar para si, elevar: e foi o que praticaram os querubins em júbilo, guardando nos celestiais arcanos, no mais acima que possa atingir o raciocínio, o corpo em que se gerou e a alma pura que amou o Jesus da Redenção.

Os fiéis exultam em sua hiperdulia transbordante, na plena confiança daqueles que esperam, cada manhã, o raio libertador da salvação, neste mundo de ânsias e dores, que roda ao fragor assustoso do Mal. O Mal que se amplia e se arro-busta, que inquieta e destrói, pretendendo de mãos desatadas reduzir ao pó a beleza dos sentimentos nobres e as alegrias acariciantes do Bem.

Eleva o homem torturado o coração a Maria, no rogo das orações e nas súplicas das rezas; e tudo é marcha, é ida, é

viagem do baixo para o Alto, da areia dos nossos pés aos éteres dos astros, à cata de lenitivos, solto, como “bicho da terra tão pequeno”, neste val de prantos da Humanidade que, minuto a minuto, desaprende de encontrar-se a si mesma. E também lhe vão, à Mãe Virgem, as preces agradecidas dos que se consolaram e louvam, venturosos de ser por ela atendidos; e uns e outros, aqueles e estes, sentem e entendem, julgam e aceitam — apagadas as dúvidas — a superfulgência e as supremas maravilhas da obra insuperável de Deus — o Universo sideral.

Obra em que o cético James Jeans confessa ver a cada passo um grande Pensamento, muito mais do que uma grande Máquina, e na profundeza da qual se engasta gloriosa a Doce Predestinada, para a veneração amorável dos povos da Cristandade.

Assunção — *assumptio*. Maria, Senhora Nossa.

Hoje é o dia dos hinos, em luz e música, em loas e salmos, desia cidade de Fortaleza, nas venerações votivas à Excelsa Protetora, a que se aconchegam faz três séculos, quando, de retorno às dunas cálidas do Mucuripe, o lusitano afoito a invocou para a defesa mística do holandês povoador incipiente. Depois, Capital da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que se crisola e acendra, flameia e fervora no culto da Padroeira sublimada de encantos indizíveis e graças infindáveis.

Em flor os lares, em movimento as ruas, em luminárias os templos, os altares nos incensos, homenageia a urbe gentil a sua Intemerata Inspiradora. Tudo são festas e contentamento, fé e civismo, toques de clarim e vibração de sinos, elevação para o Céu, assunção.

Hoje, também, é o dia das comemorações maiores deste cenáculo de Academo, repetidas até aqui por bem mais de meia centúria. Foi em 1894 que inteligências de primor convergiram para a sua fundação convencidas da divisa de Beaconsfield — o notável e frio Disraeli: — *Forti nihil difficile*.

Nunca devemos deslembrar-lhes os nomes: Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa,

José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto, Pedro de Queirós, Alves Lima, Waldemiro Cavalcante, Antonino Fontenele. Eram treze juventudes, treze audácias, que se faziam, para o futuro, treze nomes.

Informam os resumos das atas no seu prosaísmo: "... após ligeiras considerações sobre o fim da reunião, resolveu-se fundar nesta data uma sociedade denominada Academia Cearense".

De lá até cá, vitórias e desânimos, reformas e reestruturações; intermitência, mas sempre a sobrevivência. O templo esvaziava-se pela morte e pela ausência dos adoradores de Atena, aí posta em trono nas estátuas de Fídias, mas novamente se enchiam ao seu chamado, e mais o das Musas e o de Apolo, para as tertúlias das letras e das artes, visando ao ideal eterno da Beleza e da Espiritualidade.

Não será mero tropo comparar a templos as academias. Aqueles e estas são tabernáculos da devoção; devem ser mansões da paz e concentrações sadias, sala de claridade reluzente para permitir as contemplações exatas, sem refolhos de iras, nem dobras de paixões menores e onde alma e gênio se aliem, e falem, e teçam laços de amor, e filigranem compreensões recíprocas, sopitados os interesses insanos e as prevenções injustas. Onde a Inteligência possa ter o seu império inconcusso, a isenção o seu domínio legítimo, a bondade o seu país de rosas, a elegância moral, o campo vasto dos gestos bem medidos. Onde as competições fecundem a amizade e nunca a desafeição; a divergência aproxime e não separe; onde a opinião alheia seja um respeito e seja crime imperdoável a eleivosia.

Se luta houver no seio augusto das Academias, seja a da Razão contra as glândulas, a da Serenidade contra os impulsos, a do Pensamento contra os nervos, para que ele esplenda e doire como as auroras, afugentando a sombra e dando calor vivificante às coisas e aos seres.

Não se vá inverter que se pretendam Academias de intocáveis e iluminados, no retraimento ou empáfia da soberba, nas escusas sonsas dos falsos modestos. Academias que se

acastelem como olimpos ou torres ebúrneas, habitadas de doutores de privilégio ou de oráculos inconsultáveis. Jamais. O que se quer é que valhamos pelo primado do Saber atingível, humano de limites, o primado do estudo sério e da pesquisa honesta, da inspiração criadora e do esforço construtor à sombra do pálio da harmonia e dos conselhos que saem da realidade pelo crivo do senso moral e do caráter. Sejam oficinas de labor calmo, na preparação da vitória, que se deseja sem impurezas, das Letras e das Ciências, ou, como está no teor dos Estatutos, "o cultivo e desenvolvimento das letras em geral".

Fique este dia de regozijo para nós como o alerta dessas boas intenções, cada um, em apelo a si próprio, registando-o na memória e, muito mais que isto, escrevendo-o em letras fortes no arquivo do coração.

Sr. Acadêmico recipiendário:

Escolhestes com excepcional felicidade a data de 15 de agosto para o vosso ingresso solene nesta Casa de Antônio Sales. Porque, a tantos motivos de nossa alegria, viestes trazer mais o do vosso incorporamento no quadro de componentes da instituição.

Em verdade não vos estamos recebendo neste momento: eis que já o fostes, assim que transposta a hora do vosso triunfo nos escrutínios, que foram unânimes. A eleição é a recepção mesma e, portanto, seria pleonástico dizer que estamos a receber-vos. Tão só, isto sim, emprestando o preciso brilho e enfeite à vossa entrada triunfal pelo pórtico acadêmico. O brilho e o adorno — podeis acreditar — são menos desta luz e destas flores, ou das palmas calorosas dos ouvintes, do que a espontânea satisfação dos vossos novos companheiros, em nome de quem, não sei por que desígnio, ora vos falo.

Com efeito, a vossa personalidade e a vossa produção documental agradam-nos efusivamente.

Sabemo-vos uma simplicidade pessoal caindo quase à humildade, mas enganadora como esses estojos de acabamento pobre e, no entanto, escrínios de jóias delicadas. Edificante é a vida dos simples, singelos dalma e de atitudes exteriores.

O conceito de que na simplicidade há libertação é correto, pois que “quanto mais o homem se torna exigente de gozos e grandezas, mais se escraviza às necessidades acrescidas” (Ed. Girão). A candura das idéias e das maneiras mata as indisposições e até evita que os ciúmes se assanhem. Realmente, dissera outro pensador, “todos admiram a simplicidade, poucos a adotam e ninguém a inveja”.

Se é desta forma, bem poderemos ver que na moderação do vosso procedimento individual, ao menos na aparência, não há por onde invejar-vos. Creio, todavia, não serão às centenas os que usem os modos de tão natural modéstia como a vossa.

No raio X da melhor leitura de vossa individualidade o erro aparecerá, porque então vamos descobrir o ouro que nela se oculta. O ouro de um caráter retilineamente verdadeiro, e de uma vontade mansamente resoluta.

Sem pisardes a correção e a constância, antes ombreado a ambas, soubestes vencer, dentro das fronteiras do vosso meio social e cultural, ao que suponho, tanto quanto desejastes. O menino, cedo órfão, criado pela avó, superou cada degrau da escada, até chegar ao bacharelato de Direito, à cátedra superior e à direção do mais importante instituto de educação normal do nosso Estado.

Vêde como se vai longe sem necessidade dos estardalhaços dos cabotinos e dos demasiadamente extrovertidos, que se imaginam subindo e na realidade põem os sapatos só no barro do ridículo.

Já foi dito que a simplicidade é a ignorância do próprio mérito. Se o é, ficai sabendo, entretanto, que o tendes indiscutível: o mérito das vossas qualidades morais apuradas, da vossa capacidade intelectual comprovada e da vossa cultura mental indiscutida. Noutras palavras: a vossa bondade, a vossa decisão, o vosso preparo dos conhecimentos e das idéias.

A valia da obra que escrevestes — a publicada e a inédita — credencia-vos, sem qualquer favor, e ao inteirar-se dela, examinando-a e pensando-a, foi que a Academia vos elegeu.

Li-a e vejo como aqueles vossos atributos de homem de sensibilidade e senhor humilde de si passaram para as folhas dos vossos livros, comunicante e admiravelmente.

Sem considerar a produção do estudante e a do acadêmico de Direito, deixadas, não pouco, nesses mimosos arquivos que são as revistas literárias dos ginásios, começastes com a coletânea que vós mesmo, sentimentalmente, chamastes *Coração*.

Tenho que todos os primeiros livros de poetas, que de fato o sejam, deveriam ter este nome sugestivo, escritos, como são, na tinta dos estos espontâneos da mocidade. *Coração* é, de fato, espontaneidade, é pulsação em ritmo, é uma estética de movimento. Poderíamos amar a Deus só pelo coração que ele dá aos moços. E foi declaradamente com parcelas do vosso que fizestes de artesão do livrinho suculento dos “primeiros versos” com lamentável imprecisão por vós taxados de maltrapilhos. Dissestes ainda, no prefácio: “Vai, meu livro, como barco pequenino, mas de velas pandas e alvadias, distribuindo bondade e despetalando esperanças indistintamente”. Eis o anseio do intelectual nascido em 1911 e já escritor seguro em 1938, sempre suave e brando, “ignorando o próprio mérito”, na sua timidez congênita.

Parece que ele, em todo o tempo, é o infante do sítio “Livramento”, solar avoengo e ambiente da sua desatenta meninice, nunca afastado da lembrança do homem que amadureceu, passado dos quarenta.

*“É o sítio que recordo, quando em quando...
Jardim florido, de árvores, risonho...
Éden saudoso, me aparecem em sonho
Seus mangueirais virentes ramalhando...*

*A casa, o engenho, o canavial tristonho,
O rio, a serra, o coqueiral pensando...
Na saudade de tudo, recomponho
A orquestração dos pássaros cantando...*

*É ele que minh'alma, em vão, procura
Que os meus olhos saudosos querem ver
Numa ânsia de dor e de amargura...*

*Meu espirito, a chorar, braceja a esmo,
Procurando, na angústia do meu ser,
Este resto distante de si mesmo..."*

A intrínseca mansuetude do poeta, seu estado d'alma peregrino, levou-o irresistivelmente ao bucolismo virgiliano. Quase tudo que lhe sai em poética se impregna do lírico e morno entoar de ditirambos ao chão do Acarape, a sua região-berço, aos rios, aos banhos, à mata, aos coqueiros e mangueiras, às montanhas, aos crepúsculos, às outras coisas que os seus sentidos percebem.

Tardes sem Sol, a publicar, é dulçuroso e marca bem o cunho inconfundível da placidez interior do vate, sem alaridos nem atrições emotivos.

É a sua nostálgica volta ao sítio do Livramento:

*"Quando eu voltar, um dia, à minha estância,
Rever, tristonho, a casa, o sítio, a serra,
Viverei de saudade que ali erra,
Do passado, dos pais, da minha infância.
Verei o rio, o mangueiral que encerra,
Pelos galhos, na sombra, uma fragrância.
Andarei, silencioso, triste, em ânsia
De, em meus olhos, sentir aquela terra.
Ai! Saberão quem sou? Há tantos anos
Vivo ausente das árvores queridas,
Sofrendo da saudade acerbos danos!
Quem sabe se, ao me verem, triste, em pranto,
Elas dirão, talvez, compadecidas:
Que moço é esse que soluça tanto!..."*

Confirma-se, categoricamente, o biótipo sereno e afluente do autor, no ensaio biográfico da sua dupla mãe D. Mari-

quinha, titulado *A Flor da Jurema* e cujas páginas exsudam idêntica delicadeza no apreciar e no dizer. Também como o de estréia “este livro foi feito pelo coração” — são palavras do antelúdio. A mesma habilidade artífice teria necessariamente de estar nas mãos de quem preparou a *Poética do Padre Antônio Tomás*, plaqueta de uma conferência pronunciada na sede da União dos Moços Católicos de Fortaleza, aveudadamente escrita.

Pontos de Português, editado em 1944, *Método Prático de Análise Lógica* e *A Linguagem do Pe. Valdivino Nogueira*, ainda inéditos, são o índice da erudição do professor, que ensina sem rebarbas, tudo nítido e entendível, no seu estilo desliante.

Sr. José Valdivino:

Por certo não devo descer, que enfadaria, a decomposição morfológica da vossa produção literária e científica para tentar estudo crítico. A Academia já o fez, e, por força e meio do que dita produção representa, escolheu-vos seu par ilustre.

Apenas indiquei pontos mais salientes com a intenção de fornecer aos ouvintes desta solenidade a idéia, embora escassa, quase em linha d'água, do vosso valor de intelectual ora promovido ao galardão acadêmico. E também com o intuito — concedei que o confesse — de fazer deliberada provocação às reações da vossa psicologia, no respeitante ao grau de responsabilidade que vos toca nesta investidura.

Viestes — reparai bem — ocupar a Cadeira de que é patrono o Barão de Studart. Sei da consistência metálica das vossas energias mentais, porém não fujo a advertir-vos da seriedade do encargo, porque no sistema solar da literatura científica cearense o nome de Guilherme Studart relumbra nas primeiras grandezas. Agi assim certa vez em que saudava um dos recipiendários do Instituto do Ceará; não que duvidasse da sua solidez, como não duvido da vossa, mas, ao invés, cheio de esperança na capacidade do novo ocupante. No caso, fio em que sabereis estar à altura da tarefa de que vos incumbe a Academia, evocando para as vossas preocupações a figura granítica do insubstituível polígrafo da História do Ceará.

A morte do Barão em 1938, apesar da sua idade propecta, foi um abalo, um desequilíbrio. Semelhou-se à queda brutal da árvore amazônica, abrindo claro irrenovável, por imedível tempo, na frondejante floresta dos cultores do passado brasileiro.

Não terá sido possível a um homem ser mais prestadio do que foi Studart, no terreno da inteligência, no da convicção religiosa, com a prática indormida da caridade cristã, principalmente no campo das investigações difíceis, na obra da reconstituição científica dos fatos da nossa vida pretérita.

Por certo — já tive ensejo de afirmar falando atrás da cortina de pseudônimo — “por certo a terra cearense tem produzido homens do mais alto quilate, que a honram e honram o Brasil, na esfera das letras, da filosofia, das artes e da ciência. Homens que se projetaram no grande cenário nacional e cujos nomes ficaram escritos para sempre no panteon da nossa história cultural. Por certo, esta terra da linda Iracema conheceu, apreciou e amou muitos que lhe saíram do ventre feliz e que a procuraram conhecer, apreciar e amar, estudando-a com todo o carinho, cantando as suas belezas e as suas amarguras, ou dedicando-lhe, nas atitudes extremas, a própria felicidade de viver.

Nenhum, porém, em verdade, foi mais amante do seu berço e mais útil ao seu renome do que aquele que desceu à argila morna para o sono sem fim — o Barão de Studart.

A personalidade do Dr. Guilherme Studart é inconfundível nos fastos do nosso patrimônio moral e intelectual. Homem devotado ao bem e ao amor do próximo, ninguém o venceu no desempenho do mister quase santo de minorar o sofrimento alheio. Se a caridade é a maior virtude, o Barão foi, no seu tempo, o cearense mais virtuoso.

Dirigindo por longos anos as associações vicentinas do nosso querido Estado, mostrou-se figura apostolar, dando de si antes de pensar em si, a cada instante, todos os dias, a qualquer hora.

Nesse tocante, como muito bem afirmou Austregésilo de Ataíde, “não se exageraria se o proclamassem um santo mo-

derno", o que só por si constituiria motivo da imensa gratidão do Ceará.

Mas os serviços do ilustre morto avultam, notadamente, no setor dos estudos que lhe foram a preocupação máxima durante toda a sua vida de lucubrações.

O Barão de Studart é o Historiador do Ceará.

Penetrou com inteligência e profundidade todos os meandros da nossa evolução.

Espírito metódico e beneditino, pacientemente extraiu, dos velhos anais do Brasil e da Europa, tudo quanto dissesse ou pudesse dizer de perto com a nossa formação histórica.

Pacientemente, evangelicamente, construiu um monumento indestrutível, que é o seu arquivo valiosíssimo, onde se encontra catalogada, anotada e comentada a nossa própria historiação.

Tamanho é o volume dos documentos e notas que recolheu para esse verdadeiro museu historiográfico, tal é a soma de apostilhas, cópias, obras e mapas ali existente, que, certa vez, em inesquecível palestra, ouvimos-lhe dos lábios do grande historiador a afirmação de que, para desenvolver convenientemente a história do Ceará em face dos elementos e dados do seu arquivo, precisaria ele viver e trabalhar constantemente, durante duzentos anos.

E apenas viveu oitenta, no correr dos quais teve oportunidade de dar à publicidade mais de cento e cinquenta trabalhos de inegável valor.

A sua vida de recolhimento, a sua austeridade de verdadeiro nobre nos gestos e nas ações, o seu equilíbrio de caráter, fizeram-no um homem admirado e respeitado pelos que o conheciam; mas a sua projeção não se infiltrou devidamente no coração das gerações mais novas, que, arrastadas na torrente das idéias rasteiras, superficiais, não tiveram ensejo de saber quem era, na realidade, aquele vulto de sábio e de santo que, sem pretender recompensas, lhes presenteava mimo inestimável, trazendo-lhes para o alcance do conhecimento aquilo que o tempo havia de estragar, aquilo que, se perdido, teria

de ser a razão de enormes prejuízos para a nossa cultura e para os deleites do nosso espírito de investigação.

As gerações novas não sabem quem é o Barão de Studart, senão que foi um velho bom que morreu. . .

E, no entanto, é indispensável que elas o conheçam, para fazer-lhe a justiça necessária, colocando-o no relicário das suas iniciativas e realizações de moço.

Os serviços por ele prestados à coletividade autorizam essa revisão e justificam um movimento decidido e forte no sentido de dar a tamanho historiador do Ceará o lugar a que tem direito.

Ninguém, nesta gleba de Alencar, fez mais jus à consagração geral, que se cristaliza nos espíritos e no símbolo das estátuas.

E a estátua do Barão de Studart, seria a própria estátua do Ceará.

Sr. Acadêmico José Valdivino:

Estais armado cavaleiro.

Para nós o dia é de felicidade: *albo lapillo notare diem*.

Apraz-nos-ia que de vossa parte exclamásseis, como o Corrégio ao contemplar a tela "Santa Cecília", de Rafael: — *Anch'io son' pittore!* Eu também sou pintor!

A cátedra nº 11 é vossa. Sentai-vos, e sede benvindo.